

# Aula 2

## **QUESTÕES CONCEITUAIS: RURAL / RURALISMO**

### **META**

Introduzir questões conceituais relativas ao estudo do Rural.

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá:  
ser capaz de poder analisar questões conceituais relativas ao rural nos estudos da Geografia Rural.

**Cecilia Maria Pereira Martins**

# INTRODUÇÃO

Caro aluno(a):

Costuma-se dizer que a geografia agrária não se preocupou durante grande parte da sua história com o conceito de rural, como seu objeto de estudo. Esta preocupação surgiu mais recentemente com a pós-modernidade e globalização. O antigo conceito de rural não mais atendia ao novo contexto da sociedade, quando o espaço ganha nova ressignificação, necessitando portanto de novos instrumentos de análise.

O problema de conceituação de rural não era um a questão que merecesse destaque na chamada escola tradicional geográfica, nem na geografia pragmática, também conhecida como neopositivista, ambas de natureza empírica. A geografia pragmática tinha como objetivo dar à geografia denominada tradicional, um caráter de maior cientificidade, pois o método descritivo/empirista carecia de rigor científico.

O uso de métodos das ciências positivistas, entre elas as ciências exatas, tais como modelos estatísticos e fórmulas matemáticas passaram a ser utilizados pelos geógrafos. Orlando Valverde é um exemplo deste período, quando a área de estudo possuía todas as informações para a pesquisa em geografia. Observar, catalogar e analisar as informações da paisagem seria o suficiente para se ter uma síntese da área estudada. Este autor não tem a preocupação de diferenciar o conceito de rural de agrário e os usa com a mesma significação; em contrapartida o rural é visto numa lógica dicotômica com o urbano.

A década de 80 firma nova abordagem para geografia já em curso desde os anos 60; de cunho marxista, criticava a corrente empírico-analítica pela “ausência de reflexão teórica sobre os conceitos e métodos que fundamentariam os estudos em geografia” (FUSCO, 2005).

Neste período, alguns temas passam a ser mais estudados pela geografia agrária no Brasil que foram: os movimentos sociais e as lutas de campo, com base no comprometimento com as contradições que sustentam o modelo capitalista. Ariovaldo Umbelino de oliveira é um dos estudiosos que abraçou a abordagem marxista buscando “analisar quais as condições que a agricultura se articula com o modelo de produção capitalista, e de que maneira o camponês, ou o trabalhador rural, está submetido a esta lógica. (FUSCO, 2005).

O que se observa nesta corrente crítica é a ausência da discussão do conceito de rural, pois nela não se privilegia o espaço, considerado como simples suporte de vida humana. Henri Lefebvre, embora de formação marxista, traz à tona uma revalorização do conceito de espaço, que junto com tempo, explica a dinâmica social. Para este mesmo autor “a urbanização é um fenômeno inexorável” sendo a urbanização do espaço rural

inevitável. Este tipo de análise servirá de base para a discussão do rural nos anos seguintes.

A partir dos anos 90 surge a necessidade da reconceituação de rural, principalmente a partir do fenômeno da globalização e da dialética global/local. Surge um “novo rural”, incorporado por novas atividades e valores urbanos. Ao mesmo tempo, outra forma de análise busca colocar em evidência particularidades locais, quando o rural é “transformado” pelo processo de urbanização, porém permanecendo como espaços rurais; chamam a isso ruralidades, como sendo a força de resistência que o rural possui frente à urbanização, permanecendo com valores das culturas locais.

Esta abordagem ganha muitos seguidores na geografia, que passam a dialogar com outras ciências, sobretudo a sociologia. Mesmo pertencendo a corrente crítica, muitos estudiosos já começaram a incorporar nos seus trabalhos, outras correntes de pensamentos e desta forma recuperar a dimensão espacial nos seus estudos. Entre esses estudiosos, destacamos Rua, que passou a adotar bases filosóficas ecléticas defendendo a ideia da existência de muitos “rurais”, partido da ideia de urbanidades, “onde o rural, enquanto espaço “híbrido”, manteria seu poder criativo frente a estes processos de urbanização”. (FUSCO, 2005).

Assim afirmou Rua:

Tentaremos desenvolver a ideia de trabalho com “urbanidades no rural” (inovações transformadoras), criando espaços/ territórios novos que se lançam numa nova aventura coletiva ao imaginar novas formas de organização do espaço e novas formas de funcionamento da sociedade local, não se tratando de uma transposição de um modelo de organização urbana pouco adaptado aos espaços/ territórios rurais (RUA, 2001. p. 34)

Depois de todas essas colocações, é necessário realizar uma análise para entender como se configura o rural atualmente. Entre as diversas abordagens para a compreensão do rural, veremos a perspectiva política-administrativa assumida pelas cidades. Como exemplo, temos a definição estabelecida pelo IBGE que privilegia o caráter administrativo que assume as cidades, bem como, por considerar o urbano como polo principal. Definido o espaço urbano, o restante é rural.

Para o IBGE

(...) na situação urbana consideram-se as pessoas e os domicílios recenseados nas áreas urbanizadas ou não, correspondendo as cidades (sedes municipais) às vilas (sedes distritais) ou às áreas rurais isoladas. A situação rural abrange a população e os domicílios recenseados em toda área situada fora desses limites, inclusive os aglomerados rurais de extensão urbana, os povoados e os núcleos. (IBGE 1996, p. 09)

Esta definição, e outras dos censos em geral nascem a partir de críticos políticos significando que tem como base a representação que o poder político tem do rural, deixando de lado os critérios científicos. Além disso, estas definições têm a com questões econômicas, tendo em vista que, se os impostos urbanos são destinados às prefeituras municipais, é conveniente que a área urbana dos municípios seja ampliada, desta forma aumentando a arrecadação orçamentaria.

Outro tipo de abordagem diz respeito ao aspecto econômico/setorial ligado ao tipo de ocupação da população; assim são rurais as localidades que tem uma determinada proporção de mão de obra empregada na agricultura.

Pode-se ter uma conclusão errônea ao definir rural a partir de uma perspectiva de atividade da população.

Segundo da Ponte, o que se apresenta é uma mudança das relações de produção e trabalho, tanto na cidade como no campo. Hoje o rural se apresenta não somente vinculada a produção agropecuária, mas também, a atividades industriais e de serviços.

Outros critérios, como os quantitativos, que privilegiam o tamanho da população, além dos critérios de densidade populacional e localização, também foram usados para definição do rural. Porém sua contribuição se mostrou reduzida, tendo em vista somente o uso de fatores numéricos, não levando em consideração as situações geográficas, econômica, sociais, culturais de cada localidade.

Mais recentemente métodos mais quantitativos passaram a ser usados, dando ênfase às relações onde a terra é o ponto principal na delimitação do rural, seu elemento definidor e principal fator de estabelecimento dos tipos de relações econômicas, políticas e sociais da população do campo. Neste contexto estão estudiosos como Abramovay (2000), Wanderley (2001 a, b) e Alentejano (1998).

Para um melhor entendimento do rural sendo definido através de métodos quantitativos, usaremos Wanderley in Ponte (2004) que analisa o rural “como a constituição de um local e vida, com particularidades de modo de vida e referências identitárias, fazendo com que se construa um sentimento do local”.

Desta forma o rural é entendido como um território criado pelas relações econômicas, sociais e políticas que a população do campo estabelece com a terra.

Ao analisar o rural de forma dinâmica e contraditória, verificaremos as lutas para manter suas particularidades que o urbano tenta derrubar.

## CONCLUSÃO

O rural não foi desde sempre uma questão estudada pela geografia; o que era estudado eram os espaços agrícolas. Com a ênfase que foi dada aos movimentos sociais no campo, o estudo do rural permaneceu esquecido. Este debate é recente e relativamente pouco estudado pelos geógrafos, mesmo sendo a ciência que melhor entendimento teria desta questão – espaços urbanos e espaços rurais.

A partir da década 90, surge um “novo rural” incorporado por novas atividades e valores urbanos, não mais atrelados somente às atividades agropecuárias, mas, ao uso da terra para outras atividades, como por exemplo, prestação de serviços, atividades não agrícola, local de moradia. Assim, o rural deve ser entendido como um território gerado pelas relações econômicas, sociais e políticas que a população do campo estabelece com a terra, permitindo uma análise quantitativa sobre a realidade rural.



### RESUMO

O conceito de rural passa a ter maior importância com a pós-modernidade e globalização, quando um “novo rural” surge incorporando novas atividades e valores urbanos, sendo transformado pelo processo de urbanização, mas, permanecendo como espaço rural. Esta resistência que o rural possui frente ao urbano, permanecendo com valores das culturas locais é chamada de ruralidade.



### ATIVIDADES

Depois desta aula e da leitura da bibliografia indicada, analise o conceito de rural nas diversas fases da geografia agrária.

Faça uma releitura cuidadosa da aula, e assim você perceberá as mudanças do conceito de rural, nas diversas fases do estudo da geografia agrária.



Agora que você terminou a sua leitura, assinale seu nível de compreensão do texto.

- Excelente ( )
- Bom ( )
- Regular ( )
- Ruim ( )



Na próxima aula continuaremos abordar as questões conceituais relativas à Geografia Rural dando ênfase à chamada ruralidade.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo. Rio de Janeiro: IPEA (Instituto Econômico de Pesquisa Aplicada), 2000. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/pud/td/autor005.html>>. Acesso em: 17 nov. 2002
- ALENTEJANO, Paulo C. R. Reforma Agrária e pluriatividade no Rio de Janeiro: Repensando a dicotomia rural-urbano nos assentamentos rurais. Dissertação de Mestrado; CPD/UFRJ. Rio de Janeiro, 1998.
- FUSCO, Fabrício Marini. A geografia Agrária e o Conceito de Rural. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Instituto de Geociências, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005.
- IBGE, Censo Demográfico- Brasil: 1996. Rio de Janeiro: IBGE, 1996.
- IBGE, Censo Demográfico- Brasil: 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.
- WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas- o “rural” como espaço singular e autor coletivo. Texto inédito. 2001<sup>a</sup>.
- \_\_\_\_\_, A ruralidade no Brasil moderno. Por um pacto pelo desenvolvimento rural. In: GIARRACCA, Norma (Org.) Uma Nueva Ruralidade em America Latina? Bueno Aires: Asdi/ Clacso, p. 89-112, 2001b.
- LÉFÈBVRE, Henri. La Production de l' espace. Paris; Maspéro, 1986.
- PONTE, Karina Furinida. (Re) Pensando o Conceito de Rural. Revista Nera-Ano7, n. 4 p. 20-28, jan/jul. 2004. Presidente Prudente.

RUA, J. Urbanização em Áreas Rurais no Estado do Rio de Janeiro. In: Marafon, G. J., Ribeiro, M. Estudos de Geografia Fluminense. Rio de Janeiro: UERJ, 2001, p. 34.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas - o “rural” como espaço singular e ator coletivo. Texto inédito, 2001a.

\_\_\_\_\_. A ruralidade no Brasil moderno. Por um pacto pelo desenvolvimento rural. In: GIARRACCA, Norma. (Org.). Una Nueva Ruralidad en América Latina?. Buenos Aires:Asdi/Clacso, p. 89-112, 2001b.